



CAROLINA DE ARAGÃO ESCHER MARQUES
MARIALVA ROSSI TAVARES
MARIA SUZANA DE STEFANO MENIN

VALORES SOCIOMORAIS

LUCIENE REGINA PAULINO TOGNETTA
MARIA SUZANA DE STEFANO MENIN
ORGANIZADORAS DA COLEÇÃO

ADONIS

Americana-SP, 2017

Copyright © 2017

Carolina de Aragão Escher Marques
Marialva Rossi Tavares
Maria Suzana de Stéfano Menin

Organizadoras da coleção

Luciene Regina Paulino Tognetta
Maria Suzana de Stéfano Menin

Projeto Editorial

Magali Berggren Comelato

Projeto Gráfico

Paula Leite

Revisão

Juliano Schiavo

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

.....
M316v

Marques, Carolina de Aragão Escher

Valores sociomoraís / Carolina de Aragão Escher Marques, Marialva Rossi Tavares, Maria Suzana de Stéfano Menin ; organização Luciene Regina Paulino Tognetta , Maria Suzana de Stéfano Menin. - 1. ed. - Americana, SP : Adonis, 2017.

152 p. ; 13x19,5 cm. (Valores sociomoraís: reflexões para a educação ; 1)
ISBN 978-85-7913-419-7

1. Valores - Estudo e ensino. 2. Ética - Estudo e ensino. 3. Educação moral. I. Tavares, Marialva Rossi. II. Menin, Maria Suzana de Stéfano. III. Tognetta, Luciene Regina Paulino. IV. Título. V. Série.

17-45961

CDD: 370.114

CDU: 37.015.31:17.022.1
.....

09/11/2017 13/11/2017

Apoio Institucional

FCC – FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

FAPESP – FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CNPQ – CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR – FCL/UNESP ARARAQUARA

GEPEM – GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO MORAL

ADONIS

Todos os direitos reservados à Editora Adonis. Rua do Acetato, 189 - Distrito Industrial
Abdo Najar. CEP: 13474-763 - Americana/SP - Fone: (19) 3471.5608

www.editoraadonis.com.br

Conselho Editorial

Adriana Regina Braga (UNIFESP/Campus Guarulhos-SP)
Ana Maria Falcão de Aragão (FE/Unicamp-SP)
Catarina Gonçalves Carneiro (UFPB/ Campos Areias - PB)
Cristina Del Barrio (Universidade Autônoma de Madrid – Espanha)
Eliete Aparecida de Godoy (PUC - Campinas-SP)
Joelle Lebreuilly (Universidade de Caen – França)
Jussara Cristina Barboza Tortella (PUC - Campinas-SP)
Luciana Aparecida Nogueira Cruz (IBILCE/UNESP)
María José Diaz-Aguado (Universidade Autônoma de Madrid – Espanha)
Maria Teresa Ceron Trevisol (UNOESC/ Campus de Joaçaba – SC)
Manuel Tostain (Universidade de Caen - França)
Pablo Javiel Castro Carraro (Universidade La Serena - Chile)
Raquel Discini de Campos (UFU - MG)
Yves de La Taille (IP/USP)

Financiamentos

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo -
Processo nº. 2013/09398-7.

Projeto “Avaliando valores em escolares e seus professores: proposta de construção de uma escala”. Equipe: Marialva Tavares (coordenadora) e Maria Suzana S. Menin (vice-coordenadora). Fundação Carlos Chagas. Participantes: Prof^ª. Dra. Denise D’Aurea Tardelli (UNISANTOS e UNIMEP, até maio de 2014); Prof^ª. Dr^ª. Luciene Regina Paulino Tognetta (UNESP/Araraquara-SP); Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Unger Raphael Bataglia (UNESP/Marília); Prof. Dr. Raul Aragão Martins (UNESP/S.J.do Rio Preto-SP) e Prof^ª. Dr^ª. Telma Vinha (UNICAMP/Campinas-SP); doutorando e assistente de pesquisa: Adriano Moro (FCC). Estatísticas: Miriam Bizzocchi e Raquel da Cunha Vale (FCC).

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Processo:310524/2014-8

Projeto: Variáveis escolares e psicossociais em valores sociomoraís mensurados em escalas. Equipe: Marialva Tavares (coordenadora) e Maria Suzana S. Menin (vice-coordenadora). Fundação Carlos Chagas. Participantes: Prof^ª. Dr^ª. Luciene Regina Paulino Tognetta (UNESP/Araraquara-SP); Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Unger Raphael Bataglia (UNESP/Marília-SP); Prof. Dr. Raul Aragão Martins (UNESP/S.J.do Rio Preto-SP) e Prof^ª. Dr^ª. Telma Vinha (UNICAMP/Campinas-SP); doutorando e assistente de pesquisa Adriano Moro (FCC). Estatísticos: Dalton F. Andrade (UFSC), Miriam Bizzocchi (FCC); Raquel C. Valle (FCC).

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 – Os valores de cada um e os valores de sempre	17
O que esperam de nós e o que decidimos ser	22
Quando aderimos aos valores.....	26
Refletindo sobre a adesão pessoal aos valores	32
Capítulo 2 – Valores incorporados e valores projetados: o papel da escola e dos professores	39
O conceito de autoestima por professores	41
O aluno com autoestima alta	43
O aluno com autoestima baixa	46
Fatores que podem interferir na autoestima egundo professores.....	48
A família como fator de falha ou construção da autoestima	51
Algumas considerações sobre as representações dos professores	53
Considerações sobre a educação em valores – do cotidiano da escola para alunos reais.....	55
Capítulo 3 – A adesão aos valores na socialização da criança: a casa e a escola	59
Os conflitos interpessoais como choque de valores e como oportunidade de desenvolvimento sociomoral	65
O contexto escolar no desenvolvimento moral	67
O clima da escola e a formação de valores.....	71

Capítulo 4 - A pesquisa sobre valores: procedimentos e resultados.....	75
A seleção dos valores a serem avaliados.....	75
A montagem do questionário	88
Perfil da população que participou da pesquisa.....	95
Resultados: a adesão aos valores segundo as escalas de solidariedade, justiça, respeito e convivência democrática	109
Relações entre os valores sociomoraes e variáveis de perfil e de contexto pesquisadas.....	125
Considerações finais - Algumas implicações para a educação em valores	127
Referências bibliográficas	133
Apêndice	145
Sobre as autoras.....	149

Introdução

Durante os anos de 2012 a 2016, fizemos uma pesquisa sobre a construção de uma escala para avaliar modos de adesão a *valores sociomoraís* em estudantes e professores de Educação Básica que gerou muitos resultados e discussões interessantes, dando origem a esta coleção de livros.^{1 2}

Num primeiro momento, podemos dizer que entendemos *valores sociomoraís* como aqueles que orientam como devemos ser e viver, conosco mesmos e com os outros, de modo a estar de acordo com os costumes, normas, princípios estabelecidos em nossa sociedade, cultura, ou crenças e que nos apregoam o que é certo, bom ou justo. Estamos falando, portanto, de valores ligados ao dever moral e que vão além da obediência às leis.

Em nossa pesquisa, compreendemos a adesão aos valores quando uma pessoa, ao escolher como agir em determinada situação, opta por respostas que estejam de acordo com valores sociomoraís e não contra eles. Veremos que há diferentes modos de adesão aos valores, e isso será discutido em toda essa coletânea de livros.

A pesquisa foi motivada pelo que se tem descrito como uma “crise de valores” percebida em escala global, citada

1 – Pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp – processo n.2013/09398-7. Equipe: Marialva R. Tavares (FCC - Fundação Carlos Chagas); Maria Suzana S. Menin (UNESP); Luciene P. Tognetta (UNESP); Patrícia U. R. Bataglia (UNESP); Raul A. Martins (UNESP) e Adriano Moro (técnico de pesquisa; FCC). Estatísticos: prof. Dr. Dalton Francisco de Andrade (UFSC); Raquel da Cunha Valle (FCC) e a Miriam Bizzocchi (FCC).

2 – TAVARES, M.R.; MENIN, M.S.S. (Coord.) Avaliando valores em escolares e seus professores: proposta de construção de uma escala. *Textos FCC*, São Paulo: FCC-DPE, v.46, out. p. 1-85, 2015.

por leigos e estudada por sociólogos e filósofos, e sentida em vários espaços sociais, em particular, nas escolas.

A nomeada “crise de valores” é, na maior parte das vezes, sentida como ausência, ou falência deles que, em tempos atrás, eram amplamente reconhecidos, como a justiça, o respeito, a cooperação, a honestidade, a honra. No entanto, certos autores se perguntam (LA TAILLE; MENIN, 2009) se há na contemporaneidade uma situação de ausência de valores e, assim, de anomia na qual os interesses pessoais constituem os critérios de ação, ou se há “valores em crise”, no sentido da transformação de valores já existentes. Nesse segundo sentido, se entenderia que valores antes consagrados passam a ser vistos de outros modos e novos valores, ou novas formas de interpretá-los, e assim, passam a se tornar mais importantes para as gerações atuais.

De uma forma ou de outra, são muito frequentes as falas que apontam que as pessoas, desde as crianças aos adultos, têm orientado suas vidas mais em valores narcisistas e individualistas ligados à aparência, à fama, ao sucesso, à posse, ou mesmo, à força, do que em outros valores relacionados a uma vida harmônica com os outros e consigo mesmo. Essas falas não se apresentam apenas na voz do senso comum ou na mídia; elas aparecem, repetidamente, em diversas ocasiões, inclusive em vários países, e em autores que estudam a pós-modernidade, tais como Lipovetsky (2010), Bauman (1998) e Jares (2005).

Diversos autores brasileiros que estudam desenvolvimento e educação moral³ também têm apontado a crise dos valores morais e destacam que, além da família, primeiro

3 – Tais como LA TAILLE; MENIN, 2009; MENIN, 2002; LA TAILLE, 2006, 2009; TOGNETTA; VINHA, 2007; TOGNETTA, 2003; 2006; D'AU-REA-TARDELI, 2006, 2011; ARAÚJO; PUIG; ARANTES, 2007; ARAÚJO, 2007; ARAÚJO; ARANTES, 2009; VINHA, 2000, 2003, ou que estudam as relações entre ética e educação, como GOERGEN, 2001, 2007; LOMBARDI; GOERGEN, 2005.

lugar de socialização da criança, a escola aparece como uma instituição importante para a manutenção ou mudança de valores. Mesmo que de forma contraditória e arbitrária, ela assume um papel tão importante quanto a família, pois promove a convivência diária entre jovens, impõe uma vida coletiva e normas comuns e passa, de diversas formas, valores considerados importantes para a cultura do lugar onde se vive.

Mesmo que a escola não assuma a responsabilidade pela formação moral das crianças e dos adolescentes, é sabido que ela transmite valores; só que pode não ter controle sobre isso. Esse fato é muito preocupante, porque a escola pode estar fortalecendo, sem ter consciência, valores relacionados ao desrespeito, à violência, à injustiça e que ferem o modo de convivência democrática, em que o diálogo é a ferramenta principal para a solução de conflitos.

Iremos mostrar, mais adiante, que a função de educar moralmente na escola ainda provoca resistências e discussões, mesmo com a tão reconhecida “crise de valores”. É comum observarmos professores afirmando que esta instituição somente passou a se ocupar da educação moral ou em valores, porque a família não cumpre mais esse dever (MARTINS; SILVA, 2009; TREVISOL, 2009). Por outro lado, e piorando esse quadro, não é de agora que se sabe que a maior dificuldade apontada pelos professores e agentes escolares no exercício de suas práticas é a indisciplina, a incivildade e a violência dos alunos, num ambiente onde o desrespeito parece imperar (ZECHI, 2008; SILVA, 2004; SPÓSITO, 2001).

Iniciativas sobre a mensuração de valores em crianças e jovens, assim como a realização de projetos de educação em valores não são novas e aconteceram em diferentes países.

As histórias criadas por Piaget (1932-1994) foram aplicadas em diferentes línguas e culturas diversas, inclusive

no Brasil, desde o início das investigações desse autor, nos anos de 1930, sempre com a finalidade de conhecer as formas de pensar das crianças em entrevistas clínicas sobre o desenvolvimento cognitivo e, também, moral. (VASCONCELOS, 1996).

Nos Estados Unidos, os trabalhos de Kohlberg focados em dilemas morais tornaram-se não só uma forma de dimensionar os níveis de julgamento moral, mas também de educação moral com a aplicação de dilemas em escolas e em outras instituições (BIAGGIO; 1997; 2002)

Os dilemas de Kohlberg serviram, também, como base para a criação de testes de mensuração de níveis de julgamento ou raciocínio moral, como nos mostram, mais recentemente, Bataglia, Shimizu e Lepre (2010). Desde que a *Entrevista de juízo moral* desenvolvida em sua forma final por Colby e Kohlberg (1987) outros instrumentos foram desenvolvidos, como: o *Defining issue test* – DIT (REST, 1986), o *Socio-moral reflection objective measure* – SROM (GIBBS; ARNOLD; BURKHART, 1984), o *Problem identification test* – PIT (HEBERT et al., 1990) e o *Moral competence test* – MCT (LIND, 2015); todos citados em Bataglia, Shimizu e Lepre (2010); cada um abarcando diferentes aspectos da moralidade. Embora todos esses testes trabalhem com valores, nenhum deles tem como proposta avaliar especificamente a adesão aos valores e nem focalizar cenas da vida cotidiana de crianças e adolescentes brasileiros.

Alguns países europeus, como a Espanha, Inglaterra, Holanda têm investido fortemente em pesquisas e projetos acerca da convivência escolar, intervenção à violência e fortalecimento de valores sociomoraes. Zechi (2014) e Frick (2015) apontam que, na Espanha, desde 1985, a Lei Orgânica nº 8, que regula o direito à educação, já incluía entre os fins da atividade educativa o pleno desenvolvimento da personalidade do aluno, a formação para o respeito e para o

exercício da tolerância e da liberdade dentro dos princípios democráticos de convivência. Posteriormente, o Real Decreto nº 732 (ESPANHA, 1995) que estabelecia os direitos e deveres dos alunos e as normas de convivência das escolas, criou uma Comissão de Convivência, em cada instituição pública, composta por representantes da comunidade educativa – professores, alunos e famílias, sendo presidida pelo diretor, com o objetivo de velar pelo correto exercício dos direitos e deveres dos alunos. Assim, em muitos territórios e governos das Comunidades Autônomas espanholas, surgiu uma diversidade de programas e iniciativas (MONJAS; AVILÉS; 2006; DIAZ-AGUADO; 2010).

No Brasil, por outro lado, a educação em valores, embora prevista em nossa Constituição Federal como meta para a formação do aluno cidadão, raramente acontece de forma planejada. Tivemos, no período da Ditadura Militar (1964-1985) uma disciplina obrigatória nas escolas públicas, a Educação Moral e Cívica, que abordava valores cívicos que deveriam ser seguidos, principalmente, em obediência e conformidade às leis impostas pelo Estado. A disciplina se caracterizou pela transmissão dogmática de normas e deveres.

Com a queda da Ditadura, valores democráticos se impuseram, mas pouco se colocaram, formalmente, na educação. O primeiro documento que recolocou a ética como tema transversal ao ensino aconteceu em 1994, como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Nele, os valores de justiça, respeito, solidariedade e diálogo foram retomados como finalidades básicas da educação do aluno – cidadão, e sua construção foram explicitadas através de meios democráticos, participativos e transversais às várias dimensões da vida escolar (BRASIL, 1998).

Temos visto, no entanto, que tanto os PCN's (1998), como outras iniciativas do Ministério da Educação (MEC)

relacionadas à ética na escola, à educação em valores, à educação para a cidadania, ou ainda, ao ensino sobre os Direitos Humanos na escola, pouco chegaram à realidade das escolas públicas brasileiras ou foram incorporados apenas superficialmente. Constatamos, em pesquisa realizada sobre projetos de educação moral ou em valores realizada em escolas públicas brasileiras (MENIN, BATAGLIA, ZECHI, 2009) que, dentre mais de mil escolas que apontavam possuir bons projetos desse tipo de educação, menos de dois por cento tinham, de fato, algum projeto formalizado. Nota-se, portanto, que prevalece em escolas uma educação moral realizada de modo assistemático e com pouca intencionalidade; pois apenas alguns professores acreditam que esse trabalho é importante, e mesmo assim, muitas vezes utilizam de métodos pessoais sem nenhum estudo prévio, baseados no *espontaneísmo*.

Frete a essa situação que revela grande dificuldade em educar moralmente, ou em desenvolver um projeto com valores morais pelas escolas, somada à queixa frequente de professores de que a família não está mais educando os seus filhos, colocamos o que mais motivou esta pesquisa e que apresentaremos nesses volumes sobre os valores sociomoraais:

- *será que, de fato, crianças, jovens e professores, não mostram mais o mesmo apego aos valores que antes eram tão reconhecidos?*

- *quais valores têm sido assumidos pelas crianças e adolescentes?*

- *quais valores predominam em suas representações ou percepções sobre si ou sobre os outros e que as levam a apontar algo como bom, ou como correto, ou justo?*

Os cinco volumes desta coleção mostram como avaliamos a adesão aos valores *justiça, respeito, solidariedade e convivência democrática* em estudantes e professores de Educação Básica. Explicaremos os principais conceitos em que nos embasamos para fazer a pesquisa, o método utilizado para avaliar a adesão a cada um desses valores e os principais resultados. Discutiremos toda a pesquisa de forma a evidenciar seu alcance para que os processos de educação moral aconteçam dentro e fora da escola. Esperamos que esta leitura seja útil a todos os interessados que buscam uma educação de crianças e jovens em seu sentido mais amplo: a realização do ser humano em suas melhores possibilidades.

Neste primeiro volume, apresentamos a nossa concepção sobre os valores morais, explicando a sua constituição, como se constroem nas pessoas e suas relações com a autoestima e representações de si, assim, como os elementos gerais necessários para um processo de educação em valores. Apresentamos, também, os resultados gerais da pesquisa procurando destacar como alunos e professores se posicionam frente aos valores de justiça, respeito, solidariedade e convivência democrática.

Capítulo 1 - Os valores de cada um e os valores de sempre

Os valores não são, os valores valem
(LOTZE, 1951 apud PEDRO; 2014).

A palavra valor vem de *valere* e exprime a ideia daquilo que vale alguma qualidade (o bem, a beleza, a eficácia ou utilidade, o poder) atribuída por alguém a algo. Assim, valor se refere sempre a um verbo – avaliar – ação de mostrar preferência (RICOEUR, 2012; PEDRO, 2014). Por isso, dizemos que *os valores não são, mas valem* (LOTZE, 1951, apud PEDRO; 2014). Ou seja, não existem como coisas concretas, mas sempre como resultado das interações das pessoas com as coisas, atos, fenômenos que são avaliados de diferentes formas. Os valores revestem as coisas, as pessoas, os atos, as intenções de qualidades; são também as razões que justificam ou motivam as nossas ações, tornando-as preferíveis a outras.

Há diferentes tipos de valor que se debruçam sobre diferentes objetos (acontecimentos, ideias) com finalidades também diversas. Assim, valores podem ser: estéticos (a harmonia, belo, feio); religiosos (sagrado, pureza, santidade); políticos (cidadania, imparcialidade); vitais (saúde, força); morais (solidariedade, respeito). Por vezes, um mesmo objeto pode ser valorado de diferentes formas, como, por exemplo, quando admiramos um quadro por sua beleza, verificamos seu preço, o julgamos pelas expressões religiosas que pode conter ou pela mensagem moral que pode passar.